



23º CONGRESSO
BRASILEIRO DE
INFECTOLOGIA
PEDIÁTRICA
32º SIMPÓSIO
BRASILEIRO DE
VACINAS
30 DE ABRIL A 3 DE MAIO DE 2024 - São Paulo - SP

30 DE ABRIL
A 3 DE MAIO

Novotel São Paulo Center Norte
Av. Zaki Narchi, 500 - Vila Guilherme, São Paulo



Trabalhos Científicos

Título: Série Histórica Da Sífilis Congênita: Uma Análise Do Perfil Epidemiológico Da Infecção Na Bahia Entre Os Anos De 2017 E 2024

Autores: DANIELLE SILVA (UESC), WEBERT MENDES (UESC)

Resumo: A sífilis congênita é uma infecção evitável, mas que continua a representar um desafio significativo à saúde pública em várias regiões do Brasil, especialmente na Bahia. Resultante da transmissão do *Treponema pallidum* durante a gestação, essa condição pode levar a graves complicações para os recém-nascidos, incluindo malformações congênitas, prematuridade e até morte, se não for adequadamente tratada. "Analisar o perfil epidemiológico da sífilis congênita na Bahia no período de 2017 a 2014. "Trata-se de um estudo observacional descritivo baseado na análise de dados secundários obtidos de um banco de dados oficial: Tecnologia da Informação a serviço do sus (DATASUS). Foram coletadas informações epidemiológicas referentes ao Estado da Bahia, à Região Nordeste e ao Brasil, abrangendo o período de 2017 a 2024, sobre a sífilis congênita. Os dados foram extraídos por meio de consulta às bases eletrônicas, entre as variáveis analisadas incluíram casos confirmados, raça/etnia, sexo e se realizou pré-natal. A análise estatística foi conduzida por meio do cálculo de frequências absolutas e médias, permitindo a comparação proporcional dos indicadores. "A análise dos dados revelou a notificação de 4.511 casos de sífilis congênita na Bahia, 9.822 na região Nordeste e 35.811 no Brasil. Na Bahia, os anos com maior número de casos foram 2022, 2019 e 2017, com uma média de 563,8 casos, o que difere da tendência nacional, que apresentou maior incidência em 2024 e 2020, com média de 4.476,3 casos. Por outro lado, a região Nordeste manteve uma média histórica estável, registrando o menor número de casos em 2024 (média: 1.227,7). Essa discrepância pode estar relacionada à subnotificação da doença (Medeiros et al., 2024). Observou-se que a maioria dos casos ocorreu em crianças do sexo feminino (média: 755,5) e da raça/etnia negra (média: 882,8), o que reflete o perfil demográfico do estado da Bahia (Cerqueira et al., 2022). Em relação ao acompanhamento pré-natal, a maioria das gestantes recebeu assistência (média: 929,5). No entanto, a ocorrência persistente da infecção sugere que a assistência prestada não foi suficientemente eficaz na prevenção da transmissão materno-fetal do *Treponema pallidum* (Sousa et al., 2019). "Portanto, a sífilis congênita permanece um problema de saúde pública na Bahia, conforme evidenciado pela série histórica. Dessa forma, torna-se essencial a implementação de políticas efetivas para modificar esse cenário.